



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS - INGLÊS**

VITÓRIA DA SILVA LUCENA

**A PERSPECTIVA UTOPICA E DISTÓPICA EM *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO*
(2003), DE ALDOUS HUXLEY**

**SERRA TALHADA
2022**

VITÓRIA DA SILVA LUCENA

**A PERSPECTIVA UTOPICA E DISTÓPICA EM *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO*
(2003), DE ALDOUS HUXLEY**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada – UFRPE- UAST, como requisito obrigatório para conclusão do curso e obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Me. Paulo Henrique Raulino dos Santos.

SERRA TALHADA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L935p

Lucena, Vitória da Silva

A PERSPECTIVA UTOPICA E DISTÓPICA EM ADMIRÁVEL MUNDO NOVO (2003), DE ALDOUS HUXLEY .: Estudo exploratório / Vitória da Silva Lucena. - 2022.
39 f.

Orientador: Prof. Me. Paulo Henrique Raulino dos. .
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Letras, Serra Talhada, 2022.

1. Utopia . 2. Distopia. 3. Personagem . 4. Admirável Mundo Novo . 5. ALDOUS HUXLEY . I. , Prof. Me. Paulo Henrique Raulino dos., orient. II. Título

CDD 410

VITÓRIA DA SILVA LUCENA

A PERSPECTIVA UTOPICA E DISTÓPICA PRESENTE EM *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO* (2003), DE ALDOUS HUXLEY

Monografia aprovada em: __/__/2022

BANCA EXAMINADORA

Profa. Me. Paulo Henrique Raulino dos Santos (UFRPE/UAST) (Orientador)

Profa. Dra. Rafaela Rogério Cruz (UFRPE/UAST) (Examinadora 1)

Prof. Me. João Paulo de Souza Araújo (UFRPE) (Examinador 2)

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

Primeiramente a Deus por ter me dado forças e iluminado meu caminho para a conclusão de mais um ciclo.

A minha família e amigos pelo apoio incondicional, motivação nos dias que pensei em desistir.

Em especial, a meus pais por não medirem esforços para tornar nosso sonho realidade.

A minha maravilhosa prima Moniza Dark que me acolheu em sua casa, me ajudou nos momentos mais significativos da minha graduação.

Aos meus amigos Natália, Hanna, Gustavo, Thaysa, Josilene pelo companheirismo e carinho.

A todos os professores que tiveram um papel fundamental durante essa jornada.

A UFRPE-UAST por fazer parte da minha formação acadêmica e crescimento pessoal.

Ao Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), que foi fundamental para minha formação.

Ao professor Paulo Henrique Raulino por ter estimulado e acreditado na pesquisa.

Seu apoio e paciência foram fundamentais para a conclusão desse trabalho.

Agradeço também a todos que compõem a banca examinadora, pela disponibilidade e contribuições.

Mesmo hoje, num período de declínio, o ser humano médio está fisicamente em melhor condição do que há alguns séculos. Mas nenhum progresso na área da riqueza, nenhum refinamento da educação, nenhuma reforma ou revolução jamais serviram para que a igualdade entre os homens avançasse um milímetro que fosse.
(ORWELL, George)

RESUMO

O presente trabalho analisa as perspectivas utópicas e distópicas dentro da obra *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley, publicada em 1932, a partir da análise dos personagens Mustafá Mond e Bernard Marx. Diante a metodologia de cunho bibliográfico qualitativo discutiremos o termo utopia segundo Morus (2014), Murta (2020) e Figueiredo (2009) e apresenta-se o termo distopia e sua carga crítica dentro da literatura seguindo os pressupostos de Almeida (2018), Pavloski (2017), Garcia (2015) e Hilário (2013). A análise dos personagens será pautada sob as perspectivas de Reuter (2004), Brait (1985) e Cândido (1974). Por fim, conclui-se que na narrativa de *Admirável Mundo Novo*, a elaboração da utopia e da distopia depende da perspectiva narrativa de cada uma das personagens.

Palavras- chave: Utopia; distopia; personagem; *Admirável Mundo Novo*; Aldous Huxley.

ABSTRACT

The present work analyzes Utopian and dystopian perspectives within the work *Brave New World* by Aldous Huxley, published in 1932, through the analysis of the characters Mustafa Mond and Bernard Marx. The term utopia will be discussed according to Morus (2014), Murta (2020) and Figueiredo (2009). Therefore, the term dystopia and its critical load within the literature will be presented following the assumptions of Almeida (2018), Pavloski (2017), Garcia (2015) and Hilário (2013). The analysis of the characters will be based on the perspectives of Reuter (2004), Brait (1985) and Cândido (1974). Finally, in the narrative, the elaboration of utopia and dystopia depends on the narrative perspective of each of the characters.

Key words: Utopia; dystopia; character; *Brave New World*; Aldous Huxley.

Sumário

1. APRESENTAÇÃO	9
2. INFLUÊNCIAS UTOPICAS E DISTOPICAS PARA A LITERATURA	11
2.1 APANHADO HISTÓRICO DA UTOPIA	11
3. A DISTÓPIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A LITERATURA CONTEMPORÂNEA.....	16
4. BREVE BIOGRAFIA.....	21
5. A OBRA	22
6. A ESTRUTURA DOS PERSONAGENS DENTRO DA DISTÓPIA	25
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
8. REFERÊNCIAS	39

1. APRESENTAÇÃO

A monografia trata-se de uma análise, na qual, objetiva identificar traços utópicos e distópicos presentes na obra *Admirável Mundo Novo* (2003) publicada pela primeira vez em 1932. O livro aborda diferentes perspectivas sociais, sendo considerada uma obra visionária por imaginar contextos sociais futurísticos.

De início, entenderemos melhor sobre o surgimento das primeiras propostas de sociedade a utópicas. A *República*, de Platão (2002), nos é representado a vida em harmonia a partir da busca pela justiça. Outra premissa considerada utópica é a do Cristianismo, a salvação pela devoção a Deus da vida eterna em um paraíso livre de dos pecados da vida terrena. Rhodakanaty (1968), na *Cartilha socialista*, refutará as condutas cristãs, afirmando que não são tão puras, de modo que o socialismo viria para superar o cristianismo, trazendo uma nova visão de harmonia, qualidade de vida e igualdade na vida terrena.

Até então o termo utopia não está ligado ao sentido de lugar ideal. Somente em 1516, após a publicação do romance *Utopia* (2014) de Thomas Morus, o sentido foi atribuído à palavra.

Entenderemos também, o conceito de distopia. Na palavra distopia, o prefixo “dis” remete a algo contrário e “tópico” a lugar, sendo assim, algo que esteja fora do seu lugar de origem, ou até mesmo deslocado. O termo teria sido usado pela primeira vez no discurso do político John Stuart Mill, no ano de 1868, no qual utilizou o termo distopia para criticar a sociedade britânica da época. Essa palavra somente se popularizou em um sentido social muito tempo depois, trazendo o significado que John abordou para um contexto concreto do que seria os deslocamentos dos ideais e valores sociais. Dessa forma, nos romances distópicos a crítica se estende para abordar situações inadequadas que não condizem com uma vida digna, transparente e com direitos iguais para todas as pessoas. Os clássicos distópicos como *Admirável mundo novo* (1932) de Aldous Huxley, *1984* (1949) de George Orwell, e *Fahrenheit 451* (2012) de Ray Bradbury, são conhecidos mundialmente por representar as distopias atemporais, todas bebem na fonte de “*Nós*”, de Yevgeny Zamyatin (2017) primeira distopia literária.

Preestabelecidos os conceitos, discutiremos a perspectiva histórica do romance como gênero narrativo e o seu lugar de contribuição para na literatura

contemporânea. Segundo Reuter (2004), as obras literárias imitam o que acontece no cotidiano; sendo assim, de forma geral, o romance aponta para características e críticas dentro da sociedade.

Para Brait (1985), os personagens são representações de pessoas. Dentro dessa perspectiva, a análise do romance *Admirável Mundo Novo* (2003) se focará no personagem Mustafá Mond, como elemento de uma possível visão utópica, e no personagem Bernard Max, como ponto de denúncia distópica, já que ele é o protagonista e é por meio dele que é destacada a ótica da desordem e manipulação.

Para efeitos de organização, a monografia está dividida em três sessões. A primeira sessão é sobre as vertentes históricas da utopia. A segunda sessão destaca as influências distópicas na contemporaneidade. Concluímos o estudo com a terceira sessão trazendo uma visão da utopia e da distopia dentro da obra *Admirável Mundo Novo* (2003), os respectivos conceitos de acordo com o que foi explicitado, levando em consideração que é uma obra distópica e como podemos analisar as duas vertentes no contexto literário.

Considerando tantos problemas sociais na sociedade contemporânea, lermos as críticas feitas por Huxley em *Admirável Mundo Novo* (2003), podemos avaliar as condutas humanas de uma maneira mais ampla. Mesmo sendo uma obra publicada no século XX, muitas das ações humanas projetadas pelo autor são consolidadas no século XXI. Os pontos chave desta análise voltados para a dominação estatal e a inconformidade com as imposições determinadas para os cidadãos, respectivamente representados pelos personagens Mustafá Mond e Bernard Marx, dialogam com a situação delicada que o nosso país enfrentou durante a pandemia do COVID 19, o contexto político que o país enfrenta com tantas questões individuais e coletivas coordenadas pelo totalitarismo, ignorância e desumanidade. São fatores importantes que se assemelham as marcas sociais destacadas por Huxley.

A justificativa da escolha deste tema de trabalho de conclusão de curso é de gosto pessoal. Considerando a reflexão sobre as escolhas individuais e coletivas a partir da premissa de uma sociedade caótica que apresenta diversas características da sociedade que vivemos, é um dos motivos pelos quais analisaremos as perspectivas dos personagens. A relevância das representações sociais nos universos distópicos.

2. INFLUÊNCIAS UTOPICAS E DISTOPICAS PARA A LITERATURA.

2.1. APANHADO HISTÓRICO DA UTOPIA

Ao longo da vida humana, o futuro sempre foi especulado como um projeto de vida ideal, como um paraíso, um ambiente harmônico, no qual não existe violência nem mazelas sociais. Uma vida digna e uma realidade próxima ou equivalente a perfeição. Vamos entender um pouco mais sobre a forma como essa idealização do que o ser humano considera bom para a vida em sociedade, o caminho percorrido pela humanidade, e as formas irregulares que o homem traçou durante essa história. Entenderemos a utopia e a distopia dentro do contexto literário e a semelhança de alguns fatos específicos no nosso meio.

Não é de hoje que as características utópicas fazem parte dos planos, roteiros, pregações e discursos dos homens. O primeiro título que podemos assemelhar ao termo utopia é *A república* (2002), de Platão, segundo diálogo mais extenso do filósofo, que aborda questões complexas e recorrentes até hoje para a vida em sociedade. A Atlântida seria o espaço ideal para o filósofo grego, não ao termo utopia que surgiu muito depois, mas a idealização do que é bom para todos, seria uma visão positiva da vida real. A república é o projeto político de Platão, abrangendo temas como educação, o bem e o mal, a conduta individual, a utilidade do ser enquanto indivíduo, e sobretudo, a definição de justiça e as dificuldades e divergências para chegar nessa definição como um fio condutor do enredo.

Outra vertente utópica que surgiu antes mesmo do termo utopia foi a visão do mundo cristã. A utopia se encontra no retorno de Jesus e na formação de um reino dos céus. A crença de que uma vida na terra seguindo os preceitos religiosos cristãos levaria a salvação, com o reino de Deus se apresentando no dia do juízo final para os salvos. Eles viveriam em um lugar puro, distante dos homens. Para chegar até o céu os homens devem seguir o que foi estabelecido nas palavras de Deus, temer o poder do Deus vivo, pois ele um dia voltará e decidirá quem deve subir ao céu e viver acima da vida mundana. Nesse contexto, era, e ainda é, primordial manter-se fiel às leis de Deus. Por muito tempo as utopias foram associadas ao cristianismo, a partir da ideia de um poder da

salvação estabelecido pela imagem de um ser divino. Como é especificado em Apocalipse 21:1-2: Depois vi um novo céu e uma nova terra. O primeiro céu e a primeira terra tinham desaparecido e o mar já não existia mais. 2 Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém[b], que descia do céu, da parte de Deus,(Bíblia Sagrada).

Podemos observar, que o céu é um ambiente próspero, tudo pode viver e aos poucos se modificar de acordo com a palavra do senhor. É notório que a o centro de organização do ambiente é a palavra de Deus e não bases materiais concretas.

O termo utopia, surgiu por meio do romance *Utopia* (2014) de Thomas Morus. O “U” é um prefixo de negação ao “topos” que significa lugar, sendo assim, um lugar não existe a obra conta as viagens de Rafael e Américo Vespúcio as Ilhas da América, onde encontraram a ilha perfeita na qual não existe diferença entre os cidadãos. Thomas Morus toma como inspiração a Atlântida de Platão. Morus destaca-se em sua obra que o governo foi eleito pela população, de forma democrática, representando um ponto de divergências entre as duas obras. Na ilha, a privatização era contrária às leis do local, os cidadãos tinham direitos iguais desde a moradia até as vestimentas, ou seja, a necessidade de uma propriedade privada é anulada. A forma de vida era voltada para o coletivo, não existia moeda nem permutas característica vista também em sociedades comunistas.

A cidade compõe-se de famílias, que constituem, como acontece na maioria das vezes, agrupamentos unidos por laços de parentesco. As moças, depois que se casam, vão viver com os maridos. Filhos e netos do sexo masculino permanecem na família e devem obediência ao parente mais velho. Se este é atingido pela senilidade, seu lugar é ocupado pelo membro da família cuja idade vem logo abaixo da sua. Para evitar que a cidade se torne muito grande ou muito pequena, estabeleceu-se por decreto que não poderá haver mais do que seis mil famílias, sem contar aquelas que vivem no campo, em torno da cidade, devendo cada família ter entre dez e dezesseis membros adultos. Não se procura controlar o número de crianças numa família e o número de adultos é controlado por meio da transferência de uma casa, onde há adultos de mais para outra onde os há de menos. (MORUS, 2014, p. 49)

Podemos observar que a instituição da família é padronizada, existe uma série de proposições do que seria o correto a ser seguido para que a estrutura familiar não se torne frágil. O narrador destaca o decreto estabelecido para evitar

que a cidade se torne muito habitada, o controle da massa vai aos poucos se tornando comum para os moradores, tanto que passam a seguir à risca o que foi orientado por medo dos danos que prejudicariam a todos.

Mesmo mantendo o necessário para a sobrevivência, o bem estar e dignidade, dentro da utopia à igualdade dos habitantes era notória pois todos exerciam suas funções e não existia diferenciação entre eles. A desigualdade então é marca de incoerência social, representa uma fragilidade coletiva. Que não faz parte do contexto utópico. Ao que diz respeito à igualdade -não tanto coerente com um ideal utópico- , na obra cada cidadão tem o seu papel social pré existentes a funções que deveriam ser de utopianos. Ou seja, serviam aos legítimos cidadãos, pois existiam trabalhos que eles não achavam digno. Como se todo utopiano tivesse um escravo para cumprir o que ele mesmo deveria exercer. Independente da função de cada um, todos tinham os mesmos direitos, diante do fato de serviços escravos, a ideia central de moral, civilidade e igualdade de direitos e deveres. Para Murta (2020), a adaptação a uma educação formal é essencial para o desenvolvimento da sociedade utopiana. Todos tendo consciência dos seus valores, direitos e deveres.

A moralidade e a adequação aos costumes são propiciadas por um esquema pedagógico que busca prevenir os desvios, disciplinando os utopienses não apenas na educação “formal” – se é que podemos dizer assim –, mas também através de normas e leis justas e de fácil apreensão. (MURTA, 2020 p.137)

Como já foi citado, Morus traz a política como discussão; porém, na obra, os cidadãos não podiam discutir política em locais inoportunos para evitar perguntas, conflitos. Mesmo assim, as instituições da utopia são referências para o homem de perfeição.

Uma crítica recorrente as demonstrações utópicas, como propostas por Morus, é o otimismo declarado às instituições, a possibilidade exacerbada de funções perfeitas das instituições como a igreja, o casamento e a família, nas quais o centro de controle é a conduta do homem, idealizando-se funções sociais perfeitas, e a função social da instituição como um objetivo real, exemplificadas nas utopias narradas, considerando que para a realidade se aproximar do ideal exemplificado como perfeito, o próprio homem deveria policiar suas condutas e seus ideais, para que em nenhum momento a fraqueza do homem fosse

responsável pela não excelência do viver em plenitude. A confiança no ser se tornaria algo primordial para uma sociedade que nele crê. A disciplina do ser gera uma consequência positiva, o estado governa tudo, logo, o homem faz tudo diante o considerando correto que lhe foi ensinado.

Na Utopia, essa “forma moderna”, ou essa nova estrutura de gestão das almas, de disciplinamento dos atos, gestos e de controle das emoções, surge como a fundação de um Estado que, em prol de um coletivismo e para provar-se melhor, livre dos males comuns às sociedades da época, governa os indivíduos em todos os planos de sua existência. (MURTA, 2020.p.143)

O coletivo que segue fielmente o que é imposto pelo governo vive melhor, e a vida em harmonia ocorre, por meio do comportamento exemplar diante das leis dos homens, por isso na Utopia as novas gestões levam a disciplina, todas as áreas da vida exigem um plano governamental adequado para tal sociedade.

A *Utopia* (Thomas Morus, 1516) é uma obra clássica por tratar temas atemporais e até hoje recorrentes. O conceito de política e o objetivo de felicidade são pontos marcantes na obra, independente da época a ser lida, o que gera um ponto de reflexão. O livro nada mais é que um apontamento as condutas políticas do homem, ele dimensiona os objetos sociais, o homem servir ao homem sem a necessidade de uma retribuição como forma de pagamento. Como destaca Figueiredo,

Tanto o controle da natureza quanto a referência à cultura clássica apontam para a questão da racionalidade, do domínio humano sobre o seu meio, do antropocentrismo. Questões que pautam o pensamento humano nos séculos seguintes, desenvolvendo-se por meio da técnica e das luzes. (FIGUEIREDO, 2009, p. 338)

Morus coloca em análise a política vigente, considerando a conduta do homem como passível de melhora, centralizando o poder de melhoria do meio social através das atitudes do homem e não mais uma fundamentação divina. Nas utopias milenares, por exemplo, a vontade de Deus funda o paraíso, na Utopia renascentista nasce um ato civilizatório da vontade do homem, que domina a natureza. Figueiredo ainda destaca a necessidade de afastamento da moralidade, dos ideais já conhecidos por todos, para que a inserção dos novos parâmetros seja mais fácil.

A utopia supõe afastamento, corte de vínculos com o real em termos , ideológicos, espaciais e cronológicos, começar do zero é então necessário para instaurar novas ordens, daí a necessidade de se romper com a ordem social anteriormente vigente para iniciar um novo período na história. (FIGUEIREDO, 2009 p,340)

A ideia de perfeição se dá por meio do afastamento das mazelas sociais, da moralidade. Romper com o passado é primordial para estabelecer novas formas para viver em harmonia. O homem não tem a consciência dos problemas, das suas ações e a maneira que elas influenciam o contexto social, por isso, enfrenta dificuldades. A *Utopia* gera ideia de centralização dos valores para benefício coletivo, para a melhoria e qualidade de vida.

O socialismo é um dos primeiros movimentos que considera o cristianismo uma doutrinação, levando em consideração as limitações práticas e utópicas do movimento e propõe algo propriamente objetivo no aspecto político e revolucionário. Como Rhodakanaty aponta em sua obra Cartilha socialista (1968), a doutrina corrompida dos hipócritas. O ser humano já não vê as condutas cristãs tão puras e corretas como sempre afirmaram. Pelo contrário, o ele é falho e muitas vezes injusto, diante desse fato o que o autor vai colocar, é

Hoje a humanidade inteira se comove com a regeneradora doutrina do socialismo, que germinando os cérebros laboriosos dos grandes filósofos da antiguidade, veio a provocar a revolução mais grandiosa da idade moderna. A visão vai tomando todas as formas da realidade. A utopia vai verificando. O aperfeiçoamento social se põe em questão; logo, muito logo o antigo pilar das velhas preocupações ficarão derrubadas e sobre as suas ruínas se levantará uma nova sociedade cheia de luz e da civilização, onde a harmonia entre todos os seres racionais venha a formar a verdadeira felicidade destes. Mas, para que isso seja, é preciso iluminar com a tocha iluminada das ciências sociais os antros tenebrosos da ignorância empírica; é necessário romper o véu das preocupações que cobre a sociedade; é preciso, por fim que esta entenda os males que pesam sobre ela em sua constituição atual e os bens que vem resultar mudando de organização. (RHODAKANATY, 1968. P. 45)

A conduta socialista viria para transpor a ideia cristã, trazendo a harmonia para a vida no presente, uma nova organização pode melhorar a vida do homem na terra e ele mesmo tem o poder para isso, sendo o socialismo uma nova visão civilizatória, na qual a racionalidade é capaz de semear a paz, conscientizando que a população que os problemas enfrentados são de responsabilidades da organização do estado. O fato de que o socialismo busque uma forma igualitária

e digna para seus cidadãos, leva a crer no sentido de harmonia social interligado à função científica e social condizente com a igualdade aos indivíduos.

Durante o século XIX, diversos escritores se destacaram nas obras utópicas, como por exemplo Rousseau, Baknin, Diante Simon, que se esforçaram para mostrar como as utopias devem ser feitas pelo homem, uma representação fixa do pensamento de Morus. O que na Utopia o conceito de religião era primordial, agora não mais, torna-se secundário. A carga de “liberdade, igualdade e fraternidade” ainda das utopias do século XVIII se mantém na perspectiva do gênero. Após o posicionamento humanista trazido pelo o iluminismo, as utopias ganham uma nova roupagem, deixam de ser representadas em locais isolados, como Ilhas, que os cidadãos não teriam contato com outra civilização e passam a ser pelo próprio mundo.

3. A DISTOPIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A LITERATURA CONTEMPORÂNEA

No ano de 1868, o político John Stuart Mill, fez uma crítica à sociedade no seu discurso do parlamento britânico. Referência a obra de Thomas Morus como distante da realidade da época mesmo mais de um século depois. Questiona a população se existirá uma evolução ou a humanidade caminhará para o sentido contrário. Ele cita a palavra distopia, que é um termo médico. O “dis” está como sentindo contrário a “tópico” que significa fora do lugar, representa algo que está fora do lugar original. A palavra só veio se popularizar anos depois.

Diferente do que podemos considerar utopia, o que lemos nos romances distópicos é a idealização de uma funcionabilidade social perfeita que domina as pessoas, em um futuro distante que apresenta condutas problemáticas do presente. Para todos que observam a sociedade distópica notam o totalitarismo, somente os cidadãos são “conformados” com a situação por serem manipulados pelo Estado. A distopia é o oposto de Utopia, representa o caos, o terror, a hostilidade e instabilidade do conhecimento mútuo diante a própria situação. A liberdade é uma palavra que não faz parte do roteiro distópico, por não ser apresentado outra maneira de se viver, toda a conduta é decidida pelo superior

do estado, do mesmo modo a comunicação, é exposto para a massa apenas o governante daquela nação achar conveniente. Como destaca Almeida (2018), a utopia e distopia apresentam o mesmo formato social, porém, na distopia fica claro o controle dos cidadãos para um benefício da classe dominante.

Utopia e distopia são como os lados de uma mesma moeda, que estampa tanto o projeto moderno de uma sociedade mais justa, organizada em benefício do desenvolvimento coletivo e da felicidade individual, quanto o pesadelo de um mundo caótico, afetado por uma guerra nuclear, pela escassez dos recursos naturais ou pelos efeitos do terrorismo. E se por acaso resolvêssemos jogar cara ou coroa com essa moeda, nós a veríamos cair, nos séculos XVII e XVIII, bem mais do lado luminoso que do outro, enquanto, desde o século XIX, tem-se teimado cada vez mais em repetir o aspecto sombrio da utopia. Assim, o profetismo distópico é um modo de exercitar certa nostalgia utópica. (ALMEIDA, 2018.p. 6)

A vida é considerada perfeita para os moradores que ali habitam, tudo está em ordem, mas a perfeição foi forjada pelo superior para que as pessoas acreditem e aceitem a vida que levam sem muito questionamento. Os séculos XVII e XVIII são marcados pelos romances positivos e luminosos, que buscam um viés coletivo igualitária e próspero. Os romances distópicos não se enquadram como um gênero, é um universo no qual fazem parte inúmeros outros gêneros.

A ideia da distopia é criticar a realidade, o autor reflete sobre o passado e o presente, e imagina o futuro, como a sociedade estará se continuar tendo a mesma conduta. Geralmente as obras apresentam contextos caóticos, não há escolha para as obrigações sociais, as pessoas nascem destinadas para suas funções, há também a sistematização, como as castas em *Admirável Mundo Novo* (2003), todos são geneticamente pré-definidos, antes mesmo de nascerem já se sabe como vão funcionar socialmente, e sempre são sociedades futurísticas.

O poder vigente faz parte da construção utópica, instituindo a imagem de um ponto de vista de sociedade. No entanto, o totalitarismo que rege esse cenário torna o ambiente uma verdadeira ditadura. Podemos considerar a distopia a Utopia levada ao limite. Enquanto na Utopia as pessoas vivem em busca da felicidade, a distopia há uma felicidade criada, em todas as obras distópicas existe um personagem que não se adequa aquele contexto. Os

personagens que apresentam a felicidade ao regime vivem, de fato, felizes dentro daquela realidade, classificando assim a maioria como alienada.

A sociedade distópica se caracteriza como uma sociedade opressora em que, o estado possui o controle absoluto da sociedade. O estado em todas as suas ações articula meios de manter a sociedade sob controle e ao mesmo tempo satisfeita com este controle. Este processo é através da coletividade. (GARCIA, 2015.p.119)

Como Garcia (2015) destaca a alienação gerada pelo setor político que controla o coletivo desenvolve suas devidas funções, sem se questionar o forma de organização social, o mal ao próximo, os valores inexistentes e inexplicáveis que fazem parte daquele ambiente. Podemos observar todas essas formas de controle, ditadura, manipulação na tríade distópica do século XIX, *Admirável mundo novo* (2003) de Aldous Huxley, *1984* (1949) de George Orwell, e *Fahrenheit 451* (2012) de Ray Bradbury reconhecidas pelas semelhanças com o que vem a acontecer no século XX.

Publicado em 1921, *Nós* de Yevgeny Zamyatin é conhecido como precursor da maioria das distopias. A obra narra uma sociedade estável, consolidada pela matemática, homogênea e transparente. O governo desenvolveu de maneira estratégica um sistema espião, no qual os cidadãos são vigiados o tempo todo, as próprias paredes são de vidro, o que ultrapassa os limites de privacidade, deixando todas as ações de todas as pessoas a livre acesso. Ninguém poderia fazer algo sem que o próximo número não soubesse ou chegasse a ver. Os personagens não se dão conta que estão sendo observados de maneira estratégica. Os personagens não tem nome, sendo representados por números.

O controle do governo é absoluto, a estrutura familiar é diferente, os pais não criam seus filhos, os entregam ao governo. O que se diferencia, então com o ideal de utopia, que presa pelo ambiente familiar, tão zelado nas obras utópicas. Como destaca Pavloski (2017, p.120), tratando-se de uma distopia literária, a obra de Zamyatin satiriza o utopismo como projeto de sociedade perfeita, assim como a ação revolucionária que almeja a efetivação desse modelo imutável. Zamyatin não faz uma crítica negativa a utopia, ele reconhece o cunho transformador diante da criticidade social. A obra de Zamyatin tem um enorme significado, por ter presenciado as revoluções de 1905 e 1917, a crise

econômica, lutou para contribuir artisticamente mostrando novas características literárias importantes para a reflexão do homem do século XX e sendo reconhecido como visionário do século XIX.

A obra *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, publicado em 1932 bebe na fonte de *Nós*. Aborda uma sociedade aparentemente perfeita, em um futuro distante, sustentada a partir de uma tecnologia de ponta. Todos os cidadãos pertencem a castas específicas, geneticamente pré-definidos para assumirem suas posições na sociedade e aceitarem as regras impostas. O foco do administrador era manter a ordem e a estabilidade. O povo seguia o que era definido por ele para não haver questionamentos ou qualquer coisa que tirasse o foco da alienação poderia causar a desordem coletiva.

Aqui vemos o inverso da Utopia, onde a felicidade é um plano coletivo. Aqui o bem para todos significa a estabilidade. A cidade criada por Huxley, a felicidade é uma ilusão criada, na qual as pessoas sequer sabem o verdadeiro significado da palavra felicidade.

A estabilidade é o foco, a felicidade ilusória. A obra é a representação dos dois conceitos literários, mostra o ideal do ponto de vista da organização em massa, e o caos por não permitir que as pessoas saiam da alienação. A sociedade baseada nos preceitos religiosos, literários e científicos. No entanto, em hipótese alguma os cidadãos da sua sociedade chegariam a ter contato com tais informações. O conteúdo era útil apenas para manipular, não para gerar conhecimento, ou conseqüentemente algo que ajudasse o povo a tirar conclusões sobre si e o meio em que vivem.

Outra obra distópica que é reconhecida no século XX é *1984*, publicado em 1949 por George Orwell, narra a história de Winston Smith, funcionário público responsável pela falsificação de informações históricas. A sociedade é controlada pelo governo que usa as teletelas, ferramenta utilizada pelo governo para ditar o que os cidadãos deveriam saber, faziam parte da vida cotidiana, era conduzida por meio do que passava nas telas de acordo com as castas. Existia três ministérios vigentes, nos quais, as funções eram paradoxais a cada título. O ministério da verdade propaga a mentira e uma versão distorcida da história. O ministério da Paz se destaca pela guerra. O ministério da riqueza é responsável pela fome, e o ministério fica por conta da espionagem. Os cidadãos não tinham

acesso a nenhum tipo de arma. Mesmo assim, a sociedade estava completamente dominada pelo regime.

Fica claro o poder, a busca pela dominação e alienação dos homens e mulheres. A vontade de manipular e atribuir toda a mão de obra enganada pela conduta governamental, para benefício do próprio governo.

Na outra ponta da tríade distópica fica *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury 1953. O ambiente distópico parecido com os das outras obras, apresenta o regime totalitário, que manipula a sociedade, destaca o controle de informação, não propriamente q ambição do Estado. O controle social ocorre por meio do destruição de livros, qualquer meio de informação, reflexão que seja divergente dos parâmetros estabelecidos pelo governante. Como em todas as distopias os personagens estão confortáveis em seus deveres de cidadãos, como o próprio protagonista que é um bombeiro e sua função ao invés de salvar vidas e apagar incêndios, é atearia fogo em livros, acabando com qualquer tipo de conteúdo informativo e reflexivo. Para as pessoas que viviam ali, tudo estava confortável, mas o regime obrigava a acreditar na falsa perfeição.

Utopia e distopia são duas visões distintas e semelhantes partindo do ponto de vista literário, sendo assim, como os lados de uma mesma moeda. A diferenciação dos dois elementos até aqui especificados, apresentam sim, divergências e igualdade marcadas pelas especificidades de cada universo literário.

O que podemos considerar a Utopia e Distopia tanto o projeto moderno de uma sociedade mais justa, organizada em benefício do desenvolvimento. Uma tem o objetivo de melhoria de todos e para todos, a outro abre espaço para a manipulação, um mundo que desconsidera os valores morais e a supervalorização de futilidades aplicadas ao social como o correto a ser seguido.

O coletivo e da felicidade individual, quanto o pesadelo de um mundo caótico, afetado por uma guerra nuclear, pela escassez dos recursos naturais ou pelos efeitos do terrorismo. E se por acaso resolvêssemos jogar cara ou coroa com essa moeda, nós a veríamos cair, nos séculos XVII e XVIII, bem mais do lado luminoso que do outro, enquanto, desde o século XIX, tem-se teimado cada vez mais em repetir o aspecto sombrio da utopia. Assim, o profetismo distópico é um modo de exercitar certa nostalgia utópica. (ALMEIDA, 2018.p. 6)

A distopia bebe no que a utopia considera bom e funcional, negativando as atividades, valorizando para o lado do mais forte. O que a utopia deixa

registrado é a vitória social, a igualdade das funções e direitos humanos ali como um respeito, não para malefícios propositais. Já a distopia julga os direitos como inexistentes diante do poder do estado.

4. BREVE BIOGRAFIA DE ALDOUS HUXLEY E A OBRA ADMIRÁVEL MUNDO NOVO.

Aldous Leonard Huxley (1894-1963) nasceu na Inglaterra, mas de 1937 até o ano de seu falecimento viveu nos Estados Unidos. Por sua família pertencer a classe média alta, ele frequentou boas escolas, teve uma boa qualidade de vida. Durante sua adolescência teve uma doença severa que quase o deixou cego.

Huxley um reconhecido escritor, formado em literatura pela Universidade de Oxford. Suas obras de cunho filosófico foram reconhecidas em todo o mundo, como *Admirável mundo novo* (HUXLEY, 2003), *Contraponto* (HUXLEY, 1928) que apresentam várias personalidades e concepções sobre a vida, por isso muito criticado na época. Escreveu obras de ficção e roteiros de filme para Hollywood. Um de seus livros que se assemelha a um roteiro é *O macaco e a essência* publicado pela primeira vez em 1948.

Aldous Huxley nunca recebeu nenhuma premiação por suas obras, apesar das sete indicações ao Nobel de Literatura. Suas obras não estão todas disponíveis no Brasil, mas seu reconhecimento mundial é inegável. Conhecido não somente pela escrita, mas também, por suas entrevistas polêmicas e respostas estratégicas e inteligentes que marcaram os anos 30 pelo conceito de homem visionário.

Uma das fases marcantes da vida de Huxley foi sua experiência com drogas alucinógenas como LSD e mescalina. Seu experimento¹ começou em 1953, tanto que escreve dois ensaios que tornam-se um livro, *As portas da*

1 O objetivo era ver o outro lado do universo das drogas. Os pequenos prazeres, por vezes os únicos da vida de um ser humano. O lado do tráfico, da dependência química, situações de causa e efeito, tudo isso a humanidade já conhecia. Os livros de Huxley aproximavam o leitor do seu próprio eu, ao colocar nas entrelinhas o que o ser humano acredita, julga, corrompe.

percepção (1954) e *Céu e Inferno* (1956), no qual o autor relata tudo o que experienciou.

A obra *Admirável Mundo Novo* (2003) foi um divisor de águas na vida do escritor pela crítica à sociedade da época, considerando a forma como relata uma sociedade futurística, que apresenta tantos problemas quanto a sociedade do século XX. Por este motivo, o livro atualmente é considerado uma obra visionária, Huxley relata em seu texto com características atemporais, escolhas sociais e individuais que realmente vieram a acontecer, como por exemplo, a escolha do prazer e satisfação acima de tudo, o governo como poder soberano sobre a população.

A obra *Admirável mundo novo*, publicada em 1930 no Reino Unido, oficialmente lançada na Inglaterra em 1932 narra a história de uma sociedade completamente feliz de acordo com o funcionamento tecnológico ampliado ao bem estar de todos. Tudo se passa no ano de 2500, mais especificamente o 600 era Fordiana em homenagem ao criador da indústria automobilística e ao método de organização de trabalho para produção em larga escala. Aí, então, vemos um primeiro momento em que a obra critica explicitamente a alta produção da indústria capitalista e, conseqüentemente, também a forma como a sociedade aceita a superprodução como o ideal a ser vivido.

Na obra, o mundo que foi dominado por um regime de controle alterado pelo prazer tudo gira em torno da estabilidade e felicidade. A instituição família não existe, e termos como mãe e pai são ofensivos e fogem do que eles consideram natural. Do mesmo modo as relações entre amigos, todo o afeto é deixado de lado, somente prevalece a funcionalidade sociais. As crianças são geradas por meio de engenharia genética, modificadas de acordo com a Casta social que pertencerão. Os laços afetivos são desvinculados da família, por conseguinte não são possíveis relacionamentos monogâmicos. As experiências de prazer são mais valorizadas, algo casual sem a menor chance de um sentimento amoroso.

O sentimento presente na vida cotidiana das pessoas que ali residem é gerado pelo consumo diário da droga soma: as pessoas nunca ficam tristes, ou elaboram pensamentos negativos.

A realidade social não permitia o aprofundamento das relações, reflexões, os conhecimentos eram condicionados segundo as castas.

Um dos estudantes levantou a mão. Se bem que compreendesse perfeitamente porque não se podia tolerar aos indivíduos de casta inferior que gastassem o tempo da comunidade com livros e que houvesse sempre o perigo de eles lerem qualquer coisa que fizesse descondicionar indesejavelmente um dos seus reflexos, no entanto... enfim, não percebia o que dizia respeito às flores. Porque perder tempo a tornar psicologicamente impossível aos Deltas o gosto pelas flores? (HUXLEY, 2003. P. 31)

A reação das crianças ao depararem apenas com uma flor seria de susto. Os Gamas, Deltas e Espiões foram condicionados para gostar da natureza para utilizarem os meios de transporte sempre sentirem vontade de ir para os campos. Tudo isso como estratégia de política econômica.

Bernard Marx², é o protagonista e personagem que será analisado, é um psicólogo no Admirável mundo novo. Bernard tem um enorme apreço por Lenina, os dois são consideravelmente bem diferentes, mas resolvem fazer uma viagem juntos para um acampamento de selvagens, fora do universo que faz parte do seu cotidiano. Os ritos religiosos do admirável mundo novo são transes sentimentais, não há nada que remeta de fato a Deus ou a própria religiosidade. Quando chegaram no acampamento Bernard e Lenina viram o que de fato é um rito religioso, a entrega e a fé ali presente.

A personagem Linda, uma Beta- Menos que engravidou de maneira natural do Administrador Mustafá responsável por governar o Admirável mundo novo, corrompendo assim o que é doutrinado no contexto natural do mundo novo, pois, todas as relações sexuais devem usar contraceptivas, as mulheres andam com cinto de contraceção distribuído pelo governo, para que não seja de maneira acidental ou não, riscos de ferir os princípios do estado. Linda vai ter o seu filho na reserva e todos a recebem de forma hospitaleira. Por esse motivo o filho de Linda se chama John o Selvagem.

John que foi criado longe de todo o superficial, o contrário do que prega o seu legítimo pai no seu estado totalitário. John que sempre viveu em busca de seu autoconhecimento, escolhe viver em situação extrema em busca de

² Bernard Shaw, socialista Fabiano e representa o socialismo implantado lentamente. Já o Max vem de Karl Marx que remete ao comunismo.

respostas sobre o mundo, questões humanas mais profundas é encontrado de forma desumana foi resgatado e levado para o Admirável Mundo Novo, se depara com uma realidade inimaginável, totalmente contrária a realidade que foi criado. Sua reação ao ver a quantidade de alienação, redução de sentidos, faz com que ele perceba aqueles hábitos como incomuns. Até mesmo o cinema é feito para causar uma sensibilidade apelativa, um sentimento raso. Por sua vez, a comunicação não fica para trás, sendo mínima e objetiva. Lenina chama sua atenção do personagem John para um contexto sentimental, ele por entender mais de relações verdadeiras, não se contenta apenas com relação sexuais para suprir um instinto humano passageiro, como vive Lenina.

Uma situação que merece ênfase no contexto da obra, é o aprofundamento que o autor faz para demonstrar a insensibilidade do ser perante a veracidade do viver com o outro e para o outro. As crianças não recebiam muitos condicionamentos, não recebiam uma educação tradicional, apenas os estímulos de felicidade, ilusões, fantasias. Nada de concreto é ensinado na fase infantil.

O diálogo entre o administrador e o Selvagem é a grande chave da obra. O contexto ideológico e psicológico explanado pelo administrador, somando a referência do seu nome justificam todo o controle por trás do espírito de “liberdade” e “prazer” contextualizado na obra. O Selvagem deixa claro que busca a verdade, não apenas o prazer, independente de que exista a dor, pelo menos que a verdade venha à tona.

Após a conversa o Selvagem vai viver isolado, recorre a orações e a flagelação como forma de encontrar a verdade sobre o mundo e até mesmo a salvação. Três trabalhadores agrícolas Deltas-Menos, Casta social responsável pelos trabalhos de campo, veem se flagelando, e logo depois repórteres buscam o Selvagem, questionando-o os seus ideais, o que ele pensava sobre a mulher civilizada, poucas palavras, nada mais já seria suficiente. John não foi receptivo, não colaborou para a continuação da entrevista e agrediu o repórter. Voltou a seu esconderijo e se flagelou, na intenção de punir pedindo o corpo de Lenina, chamando-a de prostituta. O comportamento de John foi monitorado durante

todo o processo de punição, 12 dias mais tarde ele estava sendo apresentado em forma de filme.

O Selvagem não se conforma com o mundo corrompido, não conseguiu aceitar a forma como o Administrador governava, todo o contexto social saturou o que John considerava correto. No entanto, todo o processo de flagelamento, o público considerou interessante, sem ter conhecimento do que aquilo significava. John chega no seu limite físico e mental, suplica pela morte, o que o leva ao suicídio.

O intuito de John sempre foi questionar a realidade, mostrar que os residentes do mundo novo não eram livres. Foi a representação leal de que a verdade não veio a tona, já que mesmo se açoitando a população não se sensibilizou, não veio o remorso por aceitar prazeres instantâneos totalmente insignificantes e fúteis, enquanto o próprio homem buscava o caminho mais doloroso para uma vida de liberdade intelectual, prazeres consequentes de vida plena dentro do caminho da fé, do senso e da ética. Só queria o melhor para todos e foi a prova viva de que morreu tentando.

6. A ESTRUTURA DOS PERSONAGENS DENTRO DA DISTÓPIA

O romance já nasceu como uma estrutura narrativa da burguesia. Sendo, até certo ponto, uma manifestação orgânica de uma nova forma de organização social, o gênero fez uma contribuição fundamental para a literatura. Como destaca Watt (2010) com o passar do tempo tomou o seu lugar de importância nas artes, se tornando fundamental para a representação de individuais, no qual, antes somente era permitido a apresentação de um caráter universal.

Segundo Reuter (2004), o romance não tinha concorrente literário e era conhecido pelas características culturais de determinadas épocas e sociedades foram destacadas nas obras. A descrição dos eventos propõe que o romance mostre o mundo como ele é. Em *Admirável mundo novo* (2003) por exemplo, o sentimento de exclusão só personagem Bernard Marx, sua inquietação em relação ao controle do estado.

O romance dentro de constatações históricas faz parte do contexto social, como um veículo de informações, que embora sejam fictícias trazem uma carga

de imitação. Como destaca Reuter (2004, p,28) uma vez que as mudanças sociais que fazem parte da construção do literário são expressivos, ou seja, buscam imitar o que acontece no cotidiano, o texto expressa características reais, mas não totalmente idênticas, dentro da literatura isso se chama mimese. Para Aristóteles a mimese serve como forma de elaborarmos o reconhecimento da realidade (2014, p.117) a partir da qual o leitor lerá e perceberá as características do real. Para Aristóteles a catarse se apresenta formas específicas, partindo da tragédia, o narrador, os elementos causam emoção no leitor.

Falemos da tragédia, tomando sua definição em decorrência do que dissemos. É a tragédia a representação duma ação grave, de alguma extensão e completa, em linguagem exornada, cada parte com o seu atavio adequado, com atores agindo, não narrando, a qual inspirando pena e temor, opera a catarse própria dessas emoções. Chamo linguagem exornada a que tem ritmo, melodia e canto; e atavio adequado, o serem umas partes executadas com simples metrificacão e as outras, cantadas. (ARISTÓTELES, 2014, p. 24).

O termo catarse, surgiu na poética de Aristóteles, especificando como as formas narrativas podem envolver o leitor, a ponto de causar emoção, temor, angústia. Está diretamente ligada a purgação dos sentimentos ruins a partir do contato com a tragédia, de maneira geral, com a própria arte.

Os personagens são a representação das pessoas dentro do romance. Para Brait (1985) os personagens dentro do universo ficcional são espelhados nas pessoas (ou tipos) que existiriam na realidade. Sendo assim, a semelhança com o real estará presente. De modo que o senso crítico do personagem vai de encontro com o que o ser humano pratica no seu cotidiano, envolvendo o leitor, e contribuindo para a elaboração de uma possível verossimilhança com o cotidiano. O leitor lê o personagem como se este fosse uma personalidade complexa, que remete a situações corriqueiras, levando o leitor a refletir, comparar, enxergar aquela personalidade como verdadeira.

Ainda segundo Brait (1985), para conhecer esse personagem e entender seus problemas, é necessário analisá-lo linguisticamente, visto que esse personagem somente existe dentro da escrita. Dentro desta afirmação, podemos considerar que o personagem ficcional apresenta características linguísticas que descrevem o meio onde vive, sua personalidade e o seu contexto social. A partir

dessa premissa, a análise do leitor diante as especificações dadas do personagem, pode ser mais complexa, por ter mais características durante o processo de formação da personalidade do personagem.

Em seu romance *Admirável mundo novo* (2003), Huxley apresenta críticas à sociedade da época, e a personalidades mundiais significativas para contextos históricos que são reconhecidas até hoje. Dois de seus personagens apresentam tanto o extremo da distopia, que é o caso de Bernard Marx, quanto o extremo da utopia, Mustafá (O Administrador). Nessa sessão analisaremos ambos em vista a necessidade de ambos para a representação dos respectivos conceitos.

Mustafá é o grande fundador do estado Admirável Mundo Novo. Sua ideia central foi criar uma sociedade livre de instabilidade. Para que isso acontecesse os cidadãos teriam que abdicar de todas as dependências emocionais, apego à natureza e dedicar todo o tempo às funções estabelecidas para as suas castas³. Segundo o que Huxley destaca no prefácio do livro admirável mundo novo, o Estado esclarece a busca pela estabilidade social,

Os indivíduos que governam o Admirável Mundo Novo podem não ser sãos de espírito (no sentido absoluto desta palavra), mas não são loucos, e o seu fim não é a anarquia, mas a estabilidade social. É com o fim de assegurar a estabilidade que eles efectuam, por meios científicos, a revolução última pessoal, verdadeiramente revolucionária. (HUXLEY, 2003, p, 9)

De fato, os meios apresentados na obra para que a revolução se sustente são baseados na ciência, mesmo que para manter a estabilidade social, os cidadãos não tenham o direito de compreender ao menos os conceitos gerais de religião, ciência, arte etc. A obra enfatiza que os indivíduos que governam não são sãos de espírito, ele evidencia que os seus valores são diferentes, que as prioridades não são as mesmas que a de outros governantes, justamente por zelar a estabilidade como prioridade, para essa estabilidade social.

O Administrador Mustafá Mond era o governante do Admirável Mundo Novo, responsável por tornar aquela sociedade feliz e estável. Para que isso se tornasse possível ele optou por um sistema de reprodução humana avançado,

3 A sociedade é dividida em cinco Castas Sociais, dos melhores aos piores. Alfa, Beta, Gama, Delta e Ípsilon.

no qual homens e mulheres não poderiam ter filhos de forma biológica, uma vez que para ele uma estrutura familiar acarretaria em inúmeros questionamentos. Para que tudo fosse possível existia um centro de incubação e condicionamento laboratorial, especialmente para fecundação, no qual os óvulos e espermatozoides recebem cuidados necessários, simulando o ambiente ideal para a fecundação. O processo biológico de reprodução humana dissociado da construção de uma família naturalizou uma grande quantidade de parceiros e parceiras sexuais, gerando menos responsabilidade afetiva e uma possível maior felicidade a partir da proibição de relacionamentos monogâmicos. Gerando relações livres de tensões pessoais, já que os relacionamentos acarretam no compromisso, sentimento, conflitos. A sociedade sem relacionamentos afetivos é uma sociedade produtiva.

- Mães e pais, irmãos e irmãs. Mas havia também maridos, mulheres e amantes. E também havia monogamia e sentimentos romanescos. Se bem que, provavelmente, os senhores não saibam o que é tudo isso – disse Mustafá Mond. Acenaram com a” cabeça negativamente. – A família, a monogamia, o romanesco. Por toda a parte o sentimento do exclusivo, por toda a parte a concentração de interesses sobre um único assunto, uma estreita canalização dos impulsos e da energia. “Mas cada um pertence a todos os outros”, concluiu, citando o provérbio hipnopédico. Os estudantes concordaram com um sinal de cabeça, marcando vigorosamente o seu acordo a uma afirmação que mais de sessenta e duas mil repetições lhes tinham feito aceitar, não, simplesmente como verdadeira, mas como axiomática, evidente em si, totalmente indiscutível. (HUXLEY, 2003, p. 46)

Os cidadãos sabiam como era a vida antes de Mustafá fundar o Admirável Mundo Novo, porém, todos sabiam pela ótica negativa a partir da qual o governante a narra. Os estudantes apenas tinham que escutar e aceitar as informações como verdadeiras, sem questionamentos. Caso houvessem perguntas, a total razão sempre recaía sobre o Administrador e o que ele considerava pertinente, uma vez que para ele, - A estabilidade – insistia o Administrador -, a estabilidade. A necessidade fundamental e última. A estabilidade. Dela resulta tudo isto ... (HUXLEY, 2003. p. 48)

O Administrador recorre a estabilidade como argumento principal para justificar, por exemplo, as atitudes da personagem Lenina em sempre satisfazer os desejos sexuais dos homens. No caso, Lenina era integrante da casta Beta, trabalhava na sala de fecundação, e por sua vez, apenas segue as demandas

do Estado. A personagem obedece ao instinto, apenas ao prazer, sem refletir se é algo de legítima vontade. Logo, ela fala que já não se sente confortável em agradar a todos os homens. As atividades sexuais eram rotineiras e livres de afetos. Mesmo a quantidade de parceiros importava pouco, desde que não houvessem atritos que acarretassem modificações nas funções sociais de cada casta.

Considerem a vossa própria existência – disse Mustafá Mond. – Algum de vocês encontrou, porventura, um obstáculo insuperável? Feita a pergunta, a resposta foi um silêncio negativo. – Algum dos senhores foi já obrigado a esperar um longo intervalo de tempo entre a consciência de um desejo e a sua satisfação? (HUXLEY, 2003. P. 50)

A Utopia do Administrador estava em enxergar o mundo novo como o local ideal a partir da realização total dos desejos. Não havia sofrimento para os cidadãos, uma vez que não havia também a busca. Cada casta tinha a sua motivação, frases prontas repetidas diariamente na intenção de que cada membro de cada casta absorvesse a informação e internalizasse como absoluta verdade para seu cotidiano.

Actualmente, toda a gente é feliz. – Sim, actualmente toda a gente é feliz – disse Lenina como Um eco. Eles tinham ouvido essas palavras repetidas cento e cinquenta vezes todas as noites durante doze anos. (HUXLEY, 2003. P. 72)

Ou seja, para a casta Beta, no caso específico de Lenina, a segunda casta mais alta dentro dessa sociedade, tudo é dimensionado para fazer com que as pessoas assimilarem o que o governante entende como correto para determinada casta social. O que se difere é insatisfatório, porque todos foram ensinados o que é suficiente para atingir a sua felicidade. Por exemplo, quando o Administrador questiona se houve espera para a satisfação dos desejos, ninguém responde, porque não há espera para estímulos fúteis, e tudo o que é lançado para a sociedade é premeditadamente calculado para gerar a impressão satisfação e felicidade.

O administrador, se torna, portanto, o centro organizador da sociedade. Nele se concentram todas as ordens, modalizadas de acordo com as conveniências de cada Casta social com o intuito de gerar uma evolução

tecnologia ainda maior. O conhecimento literário do Administrador é amplo, ele admite isso em seu diálogo com o Selvagem e Bernard,

- Porque o nosso mundo não é o mesmo que o de Othello. Não se podem fazer calhambeques sem aço e não se podem fazer tragédias sem instabilidade social. O mundo é estável, agora. As pessoas são felizes, conseguem o que querem e nunca querem aquilo que não podem obter. Sentem-se bem, estão em segurança, nunca estão doentes, não receiam a morte, vivem numa serena ignorância da paixão e da velhice, não são sobrecarregadas com pais e mães, não têm mulheres, nem filhos, nem amantes, pelos quais poderiam sofrer emoções violentas, estão de tal modo condicionadas que, praticamente, não podem deixar de se portar como devem. E se por acaso alguma coisa correr mal, há o soma, que o senhor atira friamente pela janela em nome da liberdade, senhor Selvagem. A liberdade! – Pôs-se a rir. – O senhor espera que os Deltas saibam o que é a liberdade! E agora espera que os Deltas sejam capazes de compreender Othello! Meu caro amigo! (HUXLEY, 2003. P. 192)

Sendo assim, acreditamos que a falta de conhecimentos literários, no acaso, de uma obra como a de Othello, se fosse acessível aos cidadãos, não seriam a garantia de que eles conseguiriam entender a sua complexidade. E essa sempre foi a ideia de Mustafá: que as pessoas se tornassem funções humanas e não seres humanos emancipados capazes de fazer reflexões críticas importantes para toda a sociedade. Essa normalização da alienação, ocasionada pela necessidade de estabilidade, é a justificativa que Mustafá Mond dá para todo e qualquer questionamento referente as situações corriqueiras do seu estado. Para ele, a vida no Admirável Mundo Novo ocorre na mais perfeita ordem, pois cidadãos “[...]vivem em uma serena ignorância da paixão e da velhice, não são sobrecarregadas com pais e mães [...] pelos quais poderia sofrer emoções violentas” (HUXLEY, 2003, p.192). O administrador fala do sofrimento e de emoções violentas como sentimentos apenas somente negativos, mas, por exemplo, não oferece a opção para que as pessoas possam escolher viver emoções diferentes daquelas permitidas. Seu objetivo é sempre focar apenas nas evoluções tecnológicas, lucros políticos e uma constante geração de genética aplicada.

Em certo sentido, em *Admirável Mundo Novo* (2003) é representado o que vemos na contemporaneidade, não somente na questão da dependência química, mas também, a busca da própria população pelo que é fútil, o que gera satisfação, ao invés de reflexões mais profundas sobre o contexto social que

estão inseridos. A visão da ciência como uma ameaça, também muito frisada na obra é banal. O conhecimento científico que é extremamente importante para evolução individual e coletiva, para os cidadãos do *Admirável Mundo Novo* a ciência era perigosa, podendo causar questionamentos e até mesmo conclusões. Não significa que o Administrador não tivesse conhecimentos científicos, porque de fato tinha,

- Porque, no fim de contas, preferi isto – respondeu o Administrador. – Deram-me a escolher: ser enviado para uma ilha, onde me seria possível continuar os meus estudos de ciência pura, ou então ser admitido no Conselho Supremo, com a perspectiva de ser promovido em tempo oportuno a um cargo de Administrador. Escolhi isto e abandonei a ciência. – Depois de um breve silêncio, acrescentou: - Às vezes tenho pena de ter deixado a ciência. A felicidade é uma soberana exigente, sobretudo a felicidade dos outros. Uma soberana bastante mais exigente, se não estamos condicionados para a aceitar sem discussões, que a verdade. – Suspirou, recaindo no silêncio. Depois continuou em tom vivaz: - Enfim, o dever é o dever. Não se pode consultar as preferências pessoais. Interesse-me pela verdade, amo a ciência. Mas a verdade é uma ameaça, a ciência é um perigo público. Ela é actualmente tão perigosa como já foi benfazeja. Deu-nos o equilíbrio mais estável que a história registou. O da China era, em comparação, desesperadamente pouco firme; até os matriarcados primitivos não estavam tão firmes como nós o estamos. Graças, repito, à ciência. Mas não podemos permitir à ciência que desfaça o bom trabalho que realizou. Aqui está porque estabelecemos com tanto cuidado os limites das suas investigações, eis porque estive prestes a ser enviado para uma ilha. Apenas lhe permitimos que se ocupe dos problemas mais urgentes do momento. Todas as outras pesquisas são cuidadosamente desencorajadas. É curioso -continuou depois de uma curta pausa – ler o que se escrevia na época de Nosso Ford acerca do progresso científico. (HUXLEY, 2003, p, 199).

Mustafá afirma que “A felicidade é uma soberana exigente, sobretudo a felicidade dos outros. Uma soberana bastante exigente, se não estamos condicionados para a aceitar sem discussões, que a verdade.” (HUXLEY, 2003, p 199). Ou seja, assim como os cidadãos da ilha governada por ele são condicionados a acreditar em supostas “verdades”, infelizmente, ele mesmo haver abdicado de seu sonho de viver para a ciência para ser reconhecido pelo Conselho Supremo. Durante toda a sua trajetória ele não teve os estímulos de prazer, não teve soma, apenas que ele acredita ser a verdade em sua forma mais crua. A sua fala de indignação e quase um arrependimento, mostra que enfrentou dificuldades para que os outros não “sofram” com a verdade, mesmo que isso custe a liberdade individual.

O personagem Bernard Marx, por outro lado pertence a maior Casta social, na qual o padrão era o porte físico e beleza. Porém, a realidade de Bernard era diferente, sendo ele um homem baixo e franzino, o que resultou em um sentimento de exclusão por se diferenciar dos demais em decorrência de um erro supostamente genético dentro da produção que o confundiram com a casta Gama e por conseguinte, na introdução de álcool do seu pseudo-sangue.

Uma insuficiência óssea e muscular tinha isolado Bernard dos seus semelhantes e o sentimento que ele possuía de ser um indivíduo à parte era considerado, segundo as normas correntes, um excesso mental, o que, por sua vez, se tornava uma causa de afastamento mais acentuado. HUXLEY, 2003, P. 66)

As diferenças que o narrador apresenta quando descreve o personagem não estão ligadas apenas com as suas características físicas, mas identificam a personagem traços da sociedade pelos quais não se identifica. Por ser de uma casta elevada, Bernard deveria servir como exemplo, seguindo todas as motivações.

Ter relações com representantes das classes inferiores era sempre, para Bernard, uma sensação desagradável. Pois, qualquer que tivesse sido a causa (e podia ser muito bem que os rumores que corriam a respeito do álcool do seu pseudosangue fossem exactos – apesar de tudo, acontecem sempre acidentes), o físico de Bernard não era muito melhor que o de um Gama-Médio. Tinha oito centímetros a menos que a altura regulamentar dos Alfas e era proporcionalmente delgado. O contacto com representantes das classes inferiores lembrava sempre dolorosamente essa insuficiência física. «Eu sou eu, e bem gostaria de o não ser. O sentimento do eu era nele intenso e desolador. Cada vez que tinha de olhar para um Delta à altura dos seus olhos, em vez de baixar o olhar, sentia-se humilhado. Tratá-lo-ia essa criatura com o respeito devido à sua casta? Esta pergunta obcecava-o. E não sem razão, pois os Gamas, os Deltas e os epsilões tinham sido condicionados até um certo ponto de maneira a associar a massa corporal com a superioridade social. De facto, um ligeiro preconceito hipnopédico em favor da estatura era universal. Daí o riso das mulheres a quem ele fazia propostas, as partidas que lhe pregavam os seus iguais. (HUXLEY, 2003, p. 63)

Bernard se sentia humilhado, mesmo sabendo que suas características físicas diferentes dos demais era em decorrência de um erro, se sentia excluído. Ele tinha a mesma altura de um Delta, casta inferior a sua, ou seja, por ser de uma casta superior, sua estatura também deveria ser superior. Ao olhar um Delta de igual para igual, ele se sentia rebaixado. Deixa claro que gostaria de não ser,

já que os condicionamentos o fizeram acreditar que o porte físico estava proporcionalmente ligado à superioridade social. Bernard já era superior, por ser Alfa, somente suas diferenças físicas o diferenciavam do que seria o respeitável para um Alfa-Mais.

Bernard nutria sentimentos pela Lenina, o que não era o permitido dentro do Admirável Mundo Novo. A percepção de Bernard sobre os “relacionamentos” era diferente dos demais, ele não se sentia confortável com a vasta quantidade de parceiros que Lenina tinha, nem a forma como eles se referiam a ela. “Eles falam dela como se falassem de um pedaço de carne. Bernard rangeu os dentes. Tive-a aqui, tive-a ali! Como carneiros! Degradam-na para a categoria de uma quantidade equivalente de carneiros!” (HUXLEY, 2003, p 50). Bernard deixa claro a sua infelicidade em relação aos comentários dos homens referentes a Lenina, por mais que para aquele contexto fosse natural, ele não se encaixava, não aceitava que outros homens a tratassem como pedaço de carne.

Segundo o teórico Antônio Cândido (1974, p. 55), a força demonstrada pelos grandes personagens surge do sentimento de maior complexidade vista pelo leitor, como uma consequência dos próprios recursos de caracterização que o autor utiliza para descrever a personalidade do personagem. No caso de Bernard ele se torna um grande personagem por buscar a “verdade” e a justificativa de condutas totalitárias. Bernard não é diferente apenas fisicamente, mas a sua linha de raciocínio se difere muito das demais personagens.

- É para mim tão difícil de compreender – dizia Bernard de tudo imaginar... Como se vivêssemos em planetas diferentes em séculos diferentes. Uma mãe e toda esta porcaria, e além disso os deuses, a velhice e a doença... – Abanou a cabeça. – quase inconcebível. Nunca chegarei a compreender, a não ser que você me explique. (HUXLEY, 2003, p.112)

Por exemplo, sua chegada à reserva dos Selvagens⁴, Bernard se depara com uma realidade totalmente diferente. Absolutamente todos os costumes se diferem, não há condicionamentos nem nada que seja referente a dominação do comportamento das pessoas. Ao lado de John, Bernard enxerga uma nova

4 A reserva dos selvagens era um lugar afastado do Admirável Mundo Novo, onde as pessoas mantinham os costumes do velho Mundo (nesse caso, costumes da nossa sociedade) entre eles, construir família, ter relacionamentos, filhos biológicos, envelhecer.

perspectiva de liberdade de pensamentos e condutas que não existiam no *Admirável Mundo Novo*.

Na sua visita a reserva, Bernard teve um diálogo com John no qual, o personagem relata que os garotos da reserva sonham com seus animais sagrados, em decorrência disso passam a noite na floresta, e lá eram contados segredos antigos dos antepassados, mas John não pôde acompanhá-los. Ele mesmo relata para Bernard que fez algo que os outros não fizeram, ficou em pé contra o rochedo sob o sol quente de verão, com os braços estendidos como Jesus, explicou-lhe ainda que fez porque se sentia infeliz. “Parece-me uma maneira esquisita de se curar a infelicidade – comentou Bernard. Mas, refletindo no caso, pareceu-lhe que o ato talvez fosse bastante sensato. Mais sensato que tomar soma ...” (HUXLEY, 2003, p. 126). Para Bernard entender tudo aquilo era novo, pois, seus costumes religiosos eram diferentes, o seu condicionamento para a felicidade era o soma, não razões religiosas. John ainda concluiu, dizendo que após algum tempo desmaiou, e sua cicatriz foi em decorrência da queda.

Bernard analisou-a e depois, vivamente e com um pequeno arrepio, desviou os olhos. O seu condicionamento tinha-o tornado mais apto a desmaiar que a encher-se de piedade com qualquer bagatela. A simples referência a doenças ou a ferimentos era para ele não apenas uma coisa apavorante, mas, sobretudo, repulsiva, e até repugnante. Como a imundície, a deformidade ou a velhice. Mudou rapidamente o rumo da conversa. (HUXLEY, 2003, p, 126)

Bernard não se encaixa no *Admirável Mundo Novo*, mas durante toda a sua vida recebeu condicionamentos, de toda forma o seu corpo respondia aos condicionamentos, caso ele visse ferimentos sentia repulsa. No *Admirável Mundo Novo*, não existia a velhice, doenças, por esse motivo ele não tinha gatilhos que despertassem a sensação repulsiva.

No caso do personagem Bernard, a sua inquietação para com as divergências de realidades é a grande chave para que a obra de Huxley venha a ser tomada como uma distopia obra, pois até então todo aquele ambiente do mundo novo é aceitável dentro da trama: as castas sociais, as motivações de cada casta, e mesmo o soma como ferramenta utilizada para manter a felicidade de todos. Sob a ótica de Bernard o *Admirável Mundo Novo* não passa do caos, diferentemente da realidade confortável criada e defendida pelo Administrador.

O objetivo das distopias é analisar as sombras produzidas pelas luzes utópicas, as quais iluminam completamente o presente na mesma medida em que ofuscam o futuro. Elas não possuem um fundamento normativo, mas detêm um horizonte ético-político que lhes permite produzir efeitos de análise sobre a sociedade. (HILÁRIO, 2013. P. 205)

Como destaca Hilário (2013), o que podemos observar na posição do personagem protagonista, a conduta ética-política de Bernard marca, por ter a sua devida função dentro da sociedade, o seu dever seguir os condicionamentos do governo, e ao mesmo tempo sua oposição a todas as manipulações. A personalidade de Bernard em uma sociedade que não precisa de respostas complexas por receber a todo instante, o prazer, a satisfação dos seus desejos como destacou o Administrador Mustafá, denuncia a forma caótica que o governo lidera, mesmo para todas as outras pessoas estejam felizes.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contextos que levam as pessoas a acreditarem na felicidade plena são as promessas de idealização do agora como situação passível de melhora. As circunstâncias que nos fazem refletir o presente, como situação social pior do que a do passado, nos levam a enxergar como as organizações sociais e até mesmo os cidadãos sempre corrompem o compromisso.

O momento inicial, no qual, foi pautada a idealização da vida perfeita, representado inicialmente pela poética de Aristóteles (2014), e, em sequência, o Cristianismo, que busca a salvação e vida no paraíso segundo a palavra do senhor Jesus, notamos que as utopias são realidades projetadas que se distanciam do que era entendido por sociedade. Vimos também como as questões políticas idealizaram a vida próspera na terra como aborda a Cartilha socialista Rhodakanaty (1968), até a chegada das produções literárias que simulam a plenitude da vida. Todas essas sociedades apresentam uma condição a ser seguida pelos cidadãos.

Considerando o discurso de John Stuart Mill (1868), e o que a palavra distopia passou a significar socialmente depois da crítica feita por ele à sociedade da época, até a elaboração dos clássicos distópicos como *Admirável Mundo Novo* (2003) de Aldous Huxley, *1984* (1949) de George Orwell, e *Fahrenheit 451* (2012) de Ray Bradbury representam as realidades futurísticas pautadas sob os problemas sociais do presente, ainda, apontam como a distopia se opõe a utopia. O gênero distópico ganha força, passa a ser acolhido pela sua carga crítica, conhecimento por ser um gênero visionário, já que as projeções do contexto social são representações do futuro.

Como Aldous Huxley evidência em *Admirável Mundo Novo* (2003) os avanços tecnológicos, uma busca incansável pela estabilidade e pela satisfação dos prazeres, as logísticas de consumo para benefício do estado, todos estes fatores e outros apontam, direta ou indiretamente, para o nosso presente. Após 100 anos de sua publicação, os temas acerbados ainda são palpantes, tornam-se ainda mais reais a cada dia. *Admirável Mundo Novo* (2003) é uma ficção que relata com 100 anos de antecedência grandes condutas humanas que nem mesmo as alusões capitais e estatais teriam em mente.

Um fato importante a ser notado é que como o capitalismo quanto o socialismo estão presentes nas entrelinhas do *Admirável Mundo Novo* (2003), uma sociedade que funciona pelos condicionamentos pavlovianos ⁵alinhados a linha de produção segundo Ford, suas filas de controle de produção. Huxley deixa claro que seu foco de crítica da obra não é um mundo vitoriano, mas sim o mundo utópico criado pelo capitalismo e pelo socialismo, que buscam o controle da sociedade em todos os níveis.

Mesmo sendo uma obra distópica, *Admirável Mundo Novo* (2003), apresenta características utópicas, como a idealização do Administrador Mustafá Mond ao enxerga o Estado Admirável Mundo Novo feliz, cada pessoa com sua respectiva função determinada pelo estado, não causa a sobrecarga dos cidadãos, geralmente comum em uma sociedade considerada normal. A visão do administrador idealiza uma sociedade estável, uma sociedade totalmente manipulada pelo governo não buscará conhecimento que gerariam questionamentos e conseqüentemente conclusões, inclusive, sobre o próprio governo. Sendo assim, para o Administrador a ignorância é a melhor ferramenta para manter a felicidade de todos. A falta de conhecimento científico, literário, religioso mantém o que seria a vida perfeita.

Partindo para a perspectiva do personagem protagonista Bernard Marx, que sofre com a sua diferenciação dos demais cidadãos de sua casta. É por meio do personagem protagonista que as questões sociais se destacam. Bernard não se encaixa no que é considerado “normal” no Admirável Mundo Novo. Como foi analisado, as questões dos relacionamentos de Bernard como algo além de relações sexuais, já que tem sentimentos reais por Lenina, é o que corrompe com os ideais da sociedade, considerando que sentimentos e relacionamentos são terminantemente proibidos no contexto que os personagens vivem. Para Bernard a quantidade de parceiros que Lenina tem não é algo bom, e a forma como os homens falam dela também o incomoda

Não somente o personagem Bernard Marx pode ser comparado a sociedade atual, mas também a questão da droga soma, a satisfação dos desejos do homem, a fuga dos questionamentos, a visão da mulher dentro da

5 Condicionamento clássico, criado por Ivan Pavlov, refere-se a condicionamentos de relações e respostas, ele serve para explicar comportamento involuntário e emoções condicionadas.

sociedade. Todos esses assuntos tratados na obra, foram recorrentes séculos atrás, até hoje se fazem presentes e são passíveis análise.

8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério. **Cinema, educação e imaginários contemporâneos: estudos hermenêuticos sobre distopia, niilismo e afirmação nos filmes O som ao redor, O cavalo de Turim e Sono de inverno** Rogério. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 44, e175009, 2018.

ARISTÓTELES. **A poética**. In: ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. A Poética Clássica. São Paulo: Cultrix, 2014.

Brait, Beth. **A personagem** / Beth Brait. Ática — São Paulo, 1985

CANDIDO, Antonio. **A Personagem de Ficção**. Editora perspectiva – São Paulo, 1974.

FIGUEIREDO, Carolina Dantas. **Da utopia à distopia: política e liberdade**. Revista Eutomia Ano II – Nº 01. 2009

GARCIA, Nadyne Quadros. **UM PARADOXO ENTRE O MUNDO UTÓPICO E DISTÓPICO NO LIVRO “ADMIRÁVEL MUNDO NOVO” DO AUTOR ALDOUS HUXLEY**. Enciclopédia | vol. 04 P. Verão, 2015.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. **TEORIA CRÍTICA E LITERATURA: A DISTOPIA COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE RADICAL DA MODERNIDADE**. Anu. Lit., Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215, 2013.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. Editores Associados – LISBOA. Editora Globo, 2003.

MORUS, T. **A Utopia**. Coleção os pensadores, Editora Escala, São Paulo, 2014

MURTA, Ana Luisa Ennes. **Tensões entre Utopia e distopia: reflexões sobre ordem E controle social no optimoreipublicae de Thomas More Tensions between Utopia and dystopia: reflections on order and social control in Thomas More’s optimoreipublicae**.v. 6 n. Revista Indisciplinar, 2020.

PAVLOSKI, Evanir. **Da revolução ao totalitarismo: a herança de Nós, de Eugene Zamiatin, para as distopias do século XX**. MORUS – Utopia e Renascimento, 12, 2017

REUTER, Yves. **Ilustrações_Personagem e descrição**. In_ **Introdução a análise do romance**. São Paulo_Martins Fontes, 2004

RHODAKANATY, Plotino. **Cartilla socialista**. Disponível em <https://moderna.historicas.unam.mx/index.php/ehm/article/view/69249/69036>

WATT, Ian P. **A Ascensão do Romance**. São Paulo_Companhia das Letras, 2010.

